Sentir  o que?

  Dentre as varias formas de se fazer ou estar em silencio, existe uma antagônica e cruel ao ser humano. É do silencio errante da medicalização excessiva e descriteriosa, que coloca o individuo em total solidão, deixando-os fora de si, longe do sujeito que o habita. Quando o corpo fala, através dos rostos rígidos, movimentos estereotipados, por vezes lentos ou agitados  demais, olhares vidrados, distantes, perdidos ou fixos, voz embargada, passos que se conduzem em  marcha ebriosa, de um ser embriagado pelas formulas químicas, soam como um eco permanente de pedido de socorro. Não se vê ali sujeito, não ha inscrições que o sustente no campo da palavra, pois o campo da palavra entra em  colapso, sendo assim produz-se um ser abandonado e amortecido por remédios, que os calam, fazendo o sintoma perder sua  função de vida, dificultando a escuta, inibindo manifestações afetivas e modelando discursos profundamente utilitaristas. É o verdadeiro abandono do humano, destituído de sua linguagem, colocado fora do discurso, da fala, e assim, excluído do mundo, onde só sobra o real. É calar o sujeito, com um objeto silenciador, que transpõe seus desejos para o passado, sufocando-o, esquecendo-se da angustia, constituinte e inata, que fica viva e contida, ao usarem  as drogas da obediência, que molda o individuam e favorecem os discursos morais da sociedade.                Ignora-se dessa maneira, a necessidade do ser, de se relacionar com o mundo de outra forma, por isso prevalece o controle racional e invisível, necessário a relação social, que tira dos indivíduos, a oportunidade de deixarem de ser, estrangeiros de si mesmos. Não se consegue com poucas palavras, expressar tamanho estrago, mais é factível sim, dimensionar quão impossível é, que se quebrem os dentes dessa engrenagem, que teima em continuar operando sempre dentro do mesmo tempo e sistema, condicionado por ideais de status, politicas,  leis, poderes etc. Tira-se assim, com a medicalização desenfreada, a oportunidade do uso do discurso ,  através da fala do sintoma, que faz o sujeito falar pelo seu desejo e angustia, permitindo com que possa assim atuar sobre eles, sanando e arrancando o que é incomodo, interrogando a dor, o que faz sofrer, deixando de ignorar suas singularidades. O que se estabelece com essa pratica, é uma sensação de falsa segurança e paz, ignorando a historia de cada um, o mal-estar que nos é imposto por nossa cultura, simplificando assim a felicidade como se fosse algo negociável, comprável, possível de adquirir, através de produção de patologias, dentro de uma estética medicamentosa que imobiliza o sujeito e o constitui lustro e brilhante.  E assim damos adeus ao sujeito, que não mais consegue fazer o registro de sua vida, pois passa a ser somente asas, sem corpo, tentando alçar vôo, mas acabam aterrizando em uma realidade cruel, inóspita e desumana chamada abandono, buscando com seu olhar tão longe, do outro lado do mundo, o que já não está mais ali a ‘vida’.

Autores: Beatriz F.S.Penna pivetta Formanda do curso de psicologia da Ulbra-Santa Maria

Luis Henrique Ramalho Pereira- Psicólogo e professor da Ulbra-Santa Maria

Enviado em 12 de dezembro de 2013